

## O "QUIDAM" NAS ORGANIZAÇÕES

Denize Dutra

A arte, em todas as suas formas, é a expressão da vida. Criado em 1984, no Canadá, o "Cirque du Soleil" tem encantado o mundo com seus espetáculos: uma mistura de diversas artes circenses. Devido ao seu inquestionável sucesso e capacidade de inovação, esta organização tem sido alvo de muitos estudos na área de gestão. Neste artigo, não vamos fazer um estudo de caso deste modelo de gestão, mas usar a metáfora do espetáculo QUIDAM, que está em sua turnê pelo Brasil desde o final de 2009.

Com mais de 50 artistas de mais de dez países (diversidade cultural), esta produção é uma excitante combinação de arte acrobática, maestria técnica, criações extravagantes e uma inspiração musical excepcional, harmoniosamente entrelaçadas por drama e comédia, numa trama emocional envolvente

*Quidam* vem do latim, significa indivíduo, sujeito, tipo. Um transeunte sem nome, uma figura solitária numa esquina da rua, uma pessoa a passar apressadamente. Podia ser qualquer um. Alguém a chegar, a partir, a viver na nossa sociedade anônima. Um elemento na multidão, um entre a maioria silenciosa. Aquele dentro de nós que grita, canta e sonha.

*Quidam*, dirigido por Franco Dragone, transforma um mundo anônimo num espaço de esperança e de relacionamentos.

Trazendo esta idéia para o mundo corporativo, pensei no nosso papel como profissionais da gestão de pessoas, sobre o que estamos fazendo para resgatar a identidade, o sentido das coisas, a alegria e os sonhos das pessoas nas organizações.

Na busca incessante por melhores resultados com menos recursos, as pessoas vão sendo exigidas nos seus limites. Quando estão fazendo o que gostam, a realização pessoal compensa e realimenta. Mas, quando fazem o que não gostam, esta exigência gera insatisfações, que, para serem suportadas, o indivíduo aciona um mecanismo de alienação, que o anestesia e, na maioria dos casos, expande-se do trabalho para a vida pessoal.

Os diversos números do espetáculo vão nos levando ao entendimento, por meio de suas metáforas, do que é preciso para se reencontrar a essência e com o significado da vida.

*ZOE*, a "rapariga" aborrecida e curiosa, anseia por diversão e entusiasmo, mas acredita que isto esteja fora do seu alcance. Talvez as nossas organizações estejam cheias de *ZOEs*, que não acreditam que as soluções (e até a felicidade) estejam ao seu alcance. E o que nós estamos fazendo para aumentar as crenças das pessoas em si mesmas e em suas possibilidades?

Um homem sem cabeça: como a cabeça simboliza a intelectualidade, o pensar, fica evidente, a ênfase no sentir que tudo isto ainda é pouco valorizado nas organizações. As decisões são tomadas com base na análise de dados, e ainda pesa pouco o como as pessoas realmente se sentem. Como estamos lidando com o afeto das pessoas e, até mesmo, como estamos usando a cabeça das pessoas? Será que elas se sentem, muitas vezes, como se não tivessem realmente capacidade de pensar?

Contorcionistas, equilibristas, malabaristas, trapezistas atuam em diferentes coreografias, onde, mais do que equilíbrio, é fundamental o foco, muita concentração, flexibilidade, capacidade de adaptação e, principalmente, de resiliência humana, sendo estas competências também necessárias para sobreviver e ter sucesso nas nossas empresas.

O casal, que faz as estátuas humanas, representa a manifestação inexplicável, da interação, da complementaridade, da cumplicidade, da parceria, da unicidade nas diferenças. Os “palhaços” e outros personagens resgatam o lúdico, a alegria e o riso... Tantos outros personagens, que, por meio da expressão facial e corporal, do figurino, das músicas e da magia do conjunto, podem nos inspirar para descobrirmos como atuar, ou qual ‘coreografia’ devemos adotar para encantarmos os nossos clientes (internos): as pessoas que trabalham em nossas organizações.

Fontes: (<http://www.dicionarioweb.com.br/quidam.html>) e o programa do espetáculo QUIDAM.